



Atuação de uma equipe de resgates do IPH no desastre climático de 2024 na Região Metropolitana de Porto Alegre

Maurício Andrades Paixão; Louidi Albornoz Lauer; Aron Jonatã Funke; Cristian Valenti Schenk; Ivanir Medeiro de Ávila; Antonio Ricardo Tramonti Bueno
Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IPH/UFRGS)
e-mail: mauricio.paixao@ufrgs.br

Resumo

No final do mês de abril de 2024 o estado do Rio Grande do Sul começou a passar por um evento climático extremo que resultou em diversas situações de desastres, como deslizamentos, inundações bruscas e inundações graduais. Como consequência, mais de 90% dos municípios gaúchos foram atingidos e mais de dois milhões de pessoas foram afetadas, sendo que, até o fim de junho, foram registrados 173 óbitos em razão deste evento. O Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS teve papel fundamental no fornecimento de informações que auxiliaram na gestão do desastre em diversas etapas. Neste artigo será relatada a participação de uma equipe do Instituto nos resgates realizados nos municípios de Porto Alegre, Guaíba e Eldorado do Sul, onde a inundação ocorreu de forma gradual em comparação com outros municípios das regiões de cabeceira das bacias hidrográficas mais atingidas. Também serão apresentadas algumas lições aprendidas para a etapa de resposta ao desastre na gestão de riscos e desastres.

Palavras-chave: gestão de desastres; emergência; resgates

Abstract

At the end of April 2024, the state of Rio Grande do Sul began to experience an extreme weather event that resulted in a number of disasters such as landslides, flash floods and gradual flooding. As a result, more than 90% of Rio Grande do Sul's municipalities were affected and more than two million people were affected, with 173 deaths recorded by the end of June. The UFRGS Institute of Hydraulic Research played a key role in providing information that helped manage the disaster at various stages. This manuscript will report the participation of a team from the Institute in the rescues carried out in the municipalities of Porto Alegre, Guaíba and Eldorado do Sul, where the flooding occurred gradually compared to other municipalities in the headwaters of the most affected river basins. Some lessons learned for the disaster response stage in risk and disaster management will also be presented.

Keywords: disaster management; emergency; rescue operations

Introdução

Fortes chuvas assolaram o estado do Rio Grande do Sul entre o final do mês de abril e o início do mês de maio de 2024 e levaram à publicação do Decreto 57.596 que declarou “estado de calamidade pública no Rio Grande do Sul afetado pelos eventos climáticos de chuvas intensas”. Foram registrados diversos desastres relacionados à água e aos sedimentos em diversas bacias hidrográficas. Até o final de junho de 2024 o estado contabiliza 173 óbitos e mais de dois milhões de pessoas atingidas em todo o Rio Grande do Sul (G1, 2024).

Em Porto Alegre e região metropolitana, a cheia do Guaíba superou cota máxima do evento histórico de 1941 (IPH, 2024a), trazendo diversos prejuízos aos municípios e às comunidades atingidas, deixando milhares de pessoas desabrigadas ou desalojadas. Dentre esses locais severamente atingidos na região metropolitana, alguns só estavam acessíveis de barco através de travessia do Guaíba, como era o caso dos municípios de Eldorado do Sul e Guaíba. Em Porto Alegre, bairros da região norte e centro foram os mais afetados e demandavam grande esforço no resgate da população.

Devido à baixa potência dos motores disponíveis no IPH, não era possível atravessar o Guaíba com correnteza. Por essa razão, a equipe ficou impossibilitada de prestar atendimento em Eldorado do Sul e Guaíba, cidades que estavam em situação bastante complicada e demandando esforços. Assim,

optou-se por realizar atividades de resgates na zona norte de Porto Alegre, especialmente nos bairros Humaitá e Navegantes, conforme orientação do Corpo de Bombeiros e da Defesa Civil estadual.

Assim, a partir do dia 05 de maio de 2024, uma equipe do IPH formada por um professor e cinco servidores técnicos passaram a atuar nas operações de resgates, chegando a utilizar até 3 embarcações simultaneamente. A fase mais crítica dos resgates nesses bairros foi até o dia 08 de maio de 2024 (IPH, 2024b). Posteriormente, a partir do empréstimo de um motor com maior potência pelo CECLIMAR/UFRGS foi possível atravessar o Guaíba e prestar assistência nos municípios de Eldorado do Sul, Guaíba e no bairro Arquipélago, em Porto Alegre.

Linha do tempo da atuação

A atuação pormenorizada da equipe está descrita na Figura 1, com ênfase na primeira semana de atuação. Após o período mais crítico, ou seja, após o dia 08 de maio de 2024, a equipe passou a atuar levando mantimentos para os municípios de Eldorado do Sul e Guaíba, além de auxiliar nos resgates de animais nessas localidades. Como desdobramentos das ações, também foram coletadas amostras para avaliação da qualidade da água e dos sedimentos nas inundações, subsidiando novas investigações científicas e futuros projetos de pesquisa e de extensão da Universidade.

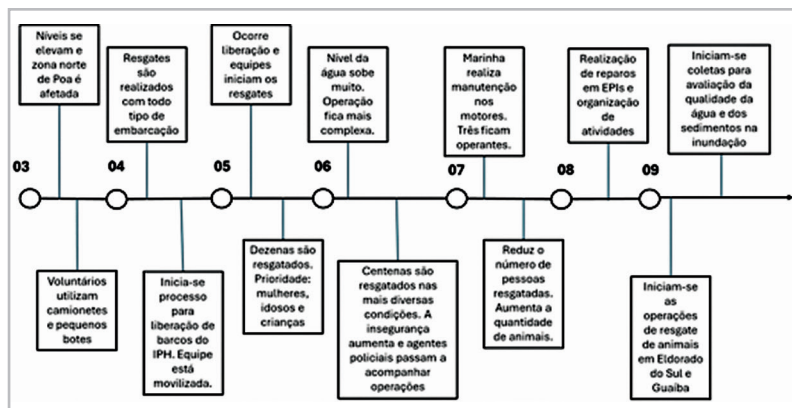


Figura 1 - Linha do tempo da atuação emergencial em maio de 2024
Fonte: Autores (2024)

Os resgates

Primeiro dia

O primeiro dia foi marcado pelo entendimento das condições de operação e das condições ambientais na área de atuação. Ao se deslocarem para o IPH, os servidores se depararam com alguns problemas de manutenção que dificultaram a rápida atuação da equipe, a citar:

- i) Necessidade de manutenção em alguns dos motores disponíveis;
- ii) Necessidade de manutenção dos rebocues, especialmente quanto aos pneus e à parte elétrica;
- iii) Necessidade de abastecimento, pois não havia gasolina em estoque e, devido à situação de desastre, existia uma dificuldade de abastecimento no estado.

Assim, houve um certo atraso na atuação de resgate, que ocorreu majoritariamente no traslado de pessoas entre os bairros Humaitá, Navegantes e São João, em Porto Alegre (Figura 2). Como nesse estavam sendo utilizadas duas embarcações, porém apenas uma com motor, a embarcação sem motorização era rebocada por jet-skis ou por camionetes de trilha que participavam da operação.



Figura 2 – Atividades de resgate realizadas na zona norte de Porto Alegre (2024)
Fonte: Autores (2024)

Segundo dia

Houve um aumento significativo dos níveis da água e, com isso, a demanda por resgates cresceu bastante. Isso fez com que os esforços fossem deslocados para o interior do bairro Humaitá, devido à alta densidade populacional da região. Para facilitar o acesso ao bairro, um grupo de aproximadamente 20 voluntários atravessou o barco do IPH por cima do viaduto Leonel Brizola, permitindo o acesso à rua Dona Teodora. Neste momento, o trajeto por água consistia em ir até a Av. A.J. Renner, o que aumentava consideravelmente o tempo e o gasto de combustível, já bastante escasso nas operações.

Neste dia, centenas de pessoas foram resgatadas (Figura 3) nas mais diversas condições: crianças

recém-nascidas, gestantes, feridos e idosos. Uma pessoa foi retirada em maca rígida pela janela do segundo andar de uma casa, em uma operação bastante complexa de resgate, que durou mais de 3h e resultou com o paciente encaminhado para o SAMU.

Terceiro dia

Um servidor da Marinha do Brasil se voluntariou para fazer manutenção nos motores dos barcos da Universidade. A partir desse conserto, foram utilizadas três embarcações simultaneamente.

A esta altura, muitos moradores resistiam a sair de suas casas especialmente por questões de segurança. Os relatos de saques passaram a aumentar e, conseqüentemente, a resistência dos moradores em deixar suas casas. Passou-se a observar um certo fluxo de idas e vindas na inundação, buscando abastecer com suprimentos aqueles que decidiram ficar. O trabalho de convencimento de resgatistas e de agentes de segurança pública era fundamental.

Neste dia foram resgatados muitos animais. A resposta ao desastre nessa região entrava em uma nova fase. Uma nova configura o social rapidamente se formava, em adapta o   condi o vigente de desastre. Neste dia, a equipe decidiu suspender as opera es na zona norte de Porto Alegre.

Quarto dia

No quarto dia não foram realizadas atividades de salvamento devido   exaustão física e emocional da equipe. A fim de manter a segurança operacional, optou-se por realizar manuten o preventiva e conserto de equipamentos que seriam utilizados posteriormente. Realizou-se o conserto



Figura 3 – Atividades de resgate realizadas no interior dos bairros Humaitá e Navegantes
Fonte: Autores (2024)

de pantaneiras e adquiriu-se capas de chuva, que permitiriam a realiza o de trabalhos em condi es meteorológicas adversas, já que havia previsão de novas chuvas e queda das temperaturas. Neste dia, parte da equipe percorreu a mancha de inunda o realizando coletas de água para análise.

Quinto dia em diante

A partir do quinto dia foi possível a travessia do Guaíba, atendendo os municípios de Guaíba e Eldorado do Sul, e para o bairro Arquipélago, em Porto Alegre (Figura 4). Foram levados mantimentos como cobertores, água e comida para as pessoas que permaneceram nessas regiões. Concomitantemente, foram coletadas amostras de água para trabalhos futuros (Figura 5).

Após o período de maior emergência, a atua o da equipe apresentou desdobramentos que irão subsidiar atividades de pesquisa e de extensão que irão auxiliar a entender o desastre de 2024. A partir dos dados coletados, diferentes grupos de pesquisa da Universidade irão atuar para explicar fen menos relacionados a este evento extremo nas suas mais diversas características físico-hídricas e ambientais.



Figura 4 – Atividades nos municípios de Eldorado do Sul, Guaíba e bairro Arquipélago, em Porto Alegre
Fonte: Autores (2024)

Figura 5 – Coletas de amostras de água para subsidiar estudos futuros
Fonte: Autores (2024)



Lições aprendidas

Em se tratando de gestão de desastres, é fundamental obter lições que possam auxiliar na prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação de eventuais desastres futuros. Dessa forma, listar as lições aprendidas, discuti-las e incorporar novas lições a partir de outras perspectivas é fundamental. Assim, são discutidas a seguir um conjunto de ações que devem ser exploradas sob diversas perspectivas a fim de melhorar a gestão de desastres.

No início da atuação havia diversas dúvidas sobre como deveria se dar a utilização da infraestrutura da universidade. Entendendo que era um momento de calamidade, eventuais entraves burocráticos devem ser rapidamente superados em situações especiais. Assim, todos os esforços devem ser concentrados para uma rápida resposta ao desastre em todas as frentes possíveis.

É imprescindível que os equipamentos estejam todos operacionais. Em situações de desastre e, especialmente, na resposta ao desastre, cada minuto é extremamente importante para salvar vidas. Entendendo as dificuldades de se manter uma infraestrutura

completamente operacional, devem ser consideradas parcerias e a participação em editais voltados à manutenção de equipamentos. Na atuação da equipe do IPH, caso todos os equipamentos estivessem em pleno funcionamento, desde o primeiro dia poderiam ter sido utilizadas até três embarcações.

Por se tratar de uma situação extraordinária e, no caso do Rio Grande do Sul, ter se tornado uma calamidade pública, entende-se que a capacidade de resposta ao evento extremo foi superada. Um desastre dessa proporção é bastante difícil de ser gerenciado, uma vez que ocorre em múltiplas frentes, o que impõe organizações complexas. Assim, durante situações de desastre, é necessário que se estabeleça rapidamente um comando, que deve ser efetivo e com diretrizes explícitas. Essa ausência de comando fez com que a organização voluntária tomasse decisões importantes no contexto dos resgates. A atuação voluntária foi extremamente necessária e trouxe resultados muito positivos para a sociedade, no entanto, a responsabilidade de decisões de comando deve ficar a cargo do poder público

A equipe do IPH se deparou com diversas discrepâncias entre o que ocorria nos locais dos resgates e

o que era instruído nos portos improvisados. A dificuldade de comunicação entre as equipes nos locais secos e nos locais inundados tornava a operação mais lenta e com entraves. Em alguns dias, a comunicação oficial por parte do governo informava que não era necessária atuação em determinado bairro, enquanto os voluntários na região desmentiam tais afirmações. Eventualmente pessoas resgatadas ficavam por horas em locais secos intermediários, como pontes e viadutos, aguardando por transporte até fora da mancha de inundação. Em situações de desastres, a comunicação mais efetiva se dá por rádio, uma vez que internet e telefonia móvel não funcionam em locais inundados. Assim, sugere-se que, em zonas de risco, as pessoas tenham acesso a rádio de pilhas a fim de se manterem informadas sobre as situações às quais estão expostas.

A atuação voluntária da comunidade é essencial. Mercados de bairro fornecem comida e materiais para auxiliar a comunidade. Os cidadãos locais que auxiliam as equipes de resgate possuem conhecimento sobre a área, o que traz segurança para a operação, uma vez que navegar em rios é completamente diferente de navegar na cidade, com carros, muros, grades e estrutura viária diversas.

É necessário atuar fortemente na educação sobre desastres nas comunidades. O desconhecimento dos riscos aos quais as pessoas estão expostas aumentou a dificuldade dos resgates. Muitas pessoas relatavam nunca ter vivenciado situação semelhante nem acreditar que a água poderia atingir determinados locais. Assim, criar e fomentar políticas públicas que auxiliem na gestão de desastres é também essencial.

A presença de agentes do estado nas embarcações transmitia segurança para as pessoas resgatadas. Assim, por mais que seja difícil a organização pública para que os agentes estejam presentes durante o período de crise, isto é fundamental, tanto para garantir a segurança dos resgatistas, quanto para convencer as pessoas a saírem da zona afetada pelo desastre.

Considerações Finais

A Universidade teve um papel importantíssimo na resposta ao maior desastre climático da história do Rio Grande do Sul até o momento. A mobilização empreendida em diversos setores da UFRGS trouxe um pouco de alívio ao sofrimento de milhares de cidadãos em território gaúcho.

A equipe que atuou diretamente nos resgates prestou um atendimento especializado para a qual estava preparada, com técnicos habilitados para a condução de barcos e para trabalhos em campo durante situações adversas. Destaca-se, no entanto, que a manutenção nos equipamentos da Universidade é essencial para uma boa e rápida resposta. Assim, considera-se que a atuação desta equipe foi extremamente satisfatória dentro das possibilidades apresentadas.

Faz-se necessário um trabalho de conscientização ambiental no que diz respeito aos desastres. A comunidade necessita de informação e treinamentos para estar mais bem preparada para enfrentar situações extremas como as ocorridas em maio de 2024 no Rio Grande do Sul. ◀

Referências Bibliográficas

G1, RS. Cheias no RS – veja os números. **Globo**, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/20/cheias-no-rs-veja-numeros.ghtml>

INSTITUTO DE PESQUISAS HIDRÁULICAS. Chuva da cheia de 2024 foi mais volumosa e intensa que a da cheia de 1941 na bacia hidrográfica do Guaíba. **IPH/UFRGS**, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/iph/wp-content/uploads/2024/06/Comparacao-2024-e-1941-final.pdf>

INSTITUTO DE PESQUISAS HIDRÁULICAS. Considerações sobre a atuação da equipe de apoio a emergências do IPH e perspectivas futuras sobre a gestão de desastres na fase de resposta. **IPH/UFRGS**, Porto Alegre, 2024. Disponível em: https://www.ufrgs.br/iph/wp-content/uploads/2024/05/NT_Atualizacao-da-Equipe-de-Apoio-a-Emergencias.pdf